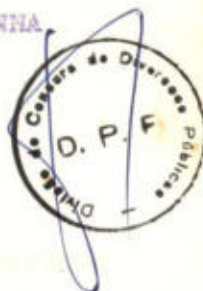


AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA ou O SOLDADO E O SACRISTÃO

de MARTINS PENHA

Personagens: AREL - velho  
RYTA - sua filha  
PACÍFICO - soldado de cavalaria  
MANUEL IGREJA - sacristão  
MADALENA - ama



A ~~essa~~ ~~pásca~~-se no Rio de Janeiro no ano de 1846

CENÁRIO

SALA: portas laterais e no fundo. Junto da porta da direita um berço, e além uma marquesa. Mesa e cadeiras. É noite. Haverá sobre a mesa um moringue, um copo e uma lamparina de porcelana acesa.

CENA I

Madalena, sentada junto ao berço, o embala.

MADALENA, cantando - Menino bonito  
Não dorme na cama,  
Dorme no regaço  
da Senhora Santana  
  
A Senhora lavava,  
São José estendia,  
Chorava o menino  
Do frio que sentia

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Já dorme?! Graças a Deus!! Triste vida a minha! Criar isto...  
Se ao menos fosse meu! Que remédio! Criar filho alheio é a pior coisa. A gente pega amor por estas cozinhas, digo, criazinhas e depois tem que viver separado. Às vezes nem reconhecimento ganha. Que vida! Todos dormem. E eu aqui acordada, a mudar lençóis e fraaldinhas... Agradável e aromática ocupação. Chi! Está acordando (a criança começa a chorar) Dorme anjinho, dorme... que pertinho estou... dorme... (canta) Senhora Santana... (embala) Ah! Não quer dormir? Pois espera! (Pega a criança e dá-lhe palmadas) Agora dorme! (A criança chora mais forte) Que goela, Santo Deus! (A criança para de chorar gradativamente) E então? Não dormiu?! Com este aí é na base do tapa. A estas horas muitos já dormiram o

primeiro sono e agora se preparam para a missa do galo. Só eu... aqui presal. Quem dera poder ir também! Mas o melhor é esquecer. (Ri) O velho e a filha irão à missa. Já sei muito bem o que vou fazer. O meu Pacífico não se esquecerá de mim! O que querem? Eu me divirto também. Cada um como pode. (Batem à porta) Quem será a estas horas? Quem é?

CENA II

MANUEL (fura) - Sou eu, Manuel Igreja.

MADALENA - Ah! É o senhor Manuel Igreja! (Abre) Entre!

MANUEL - Boa-noite Senhora Madalena. Dá licença?

MADALENA - Esteja à vontade. O senhor a estas horas por aqui?! E assim vestido?

MANUEL - Prometi ao Senhor Abel vir acordá-lo para que não perdesse a missa.

MADALENA - Ele ainda dorme. Mas ultimamente o senhor anda muito obsequioso.

MANUEL - Entre amigos...

MADALENA - Só amizade?! Eu o entendo muito bem. Não me engana tão facilmente. Faço que não vejo, mas vejo muito bem...

MANUEL - E o que tem visto?

MADALENA - Quer mesmo saber?

MANUEL - Quero sim.

MADALENA - Namorico, namoro e, quem sabe, casamento por fim? Acertei?

MANUEL - Já entendi! A senhora Madalena descobriu o meu segredo. E agora quer lucrar com isso?

MADALENA - Lucrar?! Claro!





MANUEL - Então entregue esta carta à Dona Rita.



MADALENA - Com calma, seu Igreja, com calma. Quem julgo que sou?

MANUEL - Quem julgo?! Julgo ser a feliz uma daquele inocente anjinho. O que eu não daria para amamentar aquela criança e viver sempre juntinho de sua encantadora mãe!

MADALENA - E o que eu não daria para ser sacristão! Tomar vinho das missas, ganhar velas de cera e viver no meio de luzes e incenso! Que nem os anjos...

MANUEL - É verdade! Eu vivia assim... Mas agora as coisas mudaram, senhora Dona Madalena! Acender velas e apagar velas; ajudar missas e beber o vinho das galhetas! Encomendar e enterrar defuntos! Ah, que prazer! (cantando) Leva o defunto para a terra, venha o dinheiro mais a vela... Os defuntos é que davam o que comer. Eram as minhas doces ocupações. Feliz tempo aquele! Quantos defuntos não levei à cova com um sorriso nos lábios! Mas agora...

MADALENA - Ora! Mas que cara de velório.

MANUEL - Bem que eu podia já estar enterrado! Há dois dias, digo, há dois anos que sofro! Há dois anos que me entrou este amor no peito e que me traz engasgado! Há dois longos anos...

MADALENA - Há dois anos? É antigo, hein?

MANUEL - Há dois anos sim. Era eu então sacristão da Candelária. Uma tarde, eu e o vigário esperávamos pelos noivos para realizarmos seu casamento. Chegaram enfim. na carruagem do Major, puxada por quatro lindos cavalos. Senhora Dona Madalena, quando vi a noiva...! Ah, que moça! Que paixão! Tremi todinho! O coração me saía pelas goelas, fiquei sufocado! Nunca me havia sentido assim! Subiram os noivos para o altar e principiou a cerimônia. E eu... com a vela na mão, não despregava os olhos da moça. Cada vez mais perturbado. Fiquei com uma vontade doida de esfregar a vela na cara do noivo, do vigário, de todo o mundo e sair com a moça.

MADALENA - Mas que amor tão repentino!

MANUEL - Nunca, junto ao altar, fiquei mais tomado pelo



MADALENA - Foi uma tentação...

MANUEL - E que tentação! Fiz um esforço terrível para me conter. Mas no momento em que o noivo disse: "Eu te recebo como minha legítima esposa", não aguentei. Fiquei cego, alucinado. Inclinei a vela e derramei uma torrente de cera quente na cabeça do noivo. Ele deu um grito horroroso e levantou-se. O Vigário me passou um sermão. E ela...ela sorriu vendo o noivo arrancar punhados de cera e cabelo...

MADALENA - Ela sorriu?!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MANUEL - Sorriu. Um sorriso de anjo...

MADALENA - Ou de mulher que vê o marido esfolado, digo, esfolado. Já dava esperanças.

MANUEL - Sei lá se dava esperanças. Mas que me dava uma tentação danada me dava!

MADALENA - E como acabou o casamento?

MANUEL - Como acabam todos. Tomaram a carruagem e se foram. E eu... eu fiquei com a cara de tolo...

MADALENA - E continua!

MANUEL - Desde então minha vida mudou. Não fazia mais nada certo. Não sentia mais prazer em nada. Na Igreja e na missa, fazia tudo errado. O vigário acabou me mandando embora. E eu, para não cortar a minha brilhante carreira, fui ser sacristão na igreja do Car-

MADALENA - Que progresso!

MANUEL - E a senhora pensa que eu conseguia esquecer a tal noiva? Qual nada! Só sonhava com ela e com o vinho da missa!

MADALENA - Ah! Ah! Ah!





MANUEL - E nesses delírios de saudade passaram-se quatorze meses. Um dia eu estava rezendo com o padre num enterro, doido para ganhar o meu dinheirinho, quando, por simples curiosidade, resolvi olhar para o morto. E o que vi?

MADALENA - O que?

MANUEL - O noivo! O noivo! Mortinho, mortinho! E fiz logo o raciocínio: se ele está morto, ela está VI-U-VA!

MADALENA - Mas que inteligência!

MANUEL - Pulei de contente. Mas pisoi no calo do padre, o que foi melhor, pois ele apurou com o enterro. Acompanhei o corpo à sepultura e recomendei ao coveiro que fechasse bem a cova. Que feliz morte!

MADALENA - E o que fez o senhor depois disso?

MANUEL - O que fiz? Esta é boa. Namorei a viúva a bandeiras despregadas. Deixei de lado festas, enterros, missas para passar pela sua porta vinte, quarenta, cinquenta vezes ao dia. No primeiro mes ela chorou a morte do marido. No segundo, chegou à janela. No terceiro, reparou em mim. No quarto, sorriu para mim. No quinto, recebeu uma cartinha. No sexto, esqueceu-se completamente do defunto. No sétimo veio à escada conversar comigo. No oitavo, prometeu que casaria comigo e...

MADALENA - Chega, seu Igreja!

MANUEL - Aí, arranjei emprego na Capela Imperial. Ganho melhor ordenado e ando mais bem vestido. Isto faz vista e seduz. Não fico sedutor assim?

MADALENA - Uma barbaridade!

MANUEL - E ainda recusa entregar a carta?

MADALENA - Não. Mas tudo tem seu preço...

MANUEL - Posso dar-lhe vinho e velas da Igreja...

MADALENA - Pode ficar com o seu vinho e com suas velas,

ABEL - Madalena! Oh Madalena! Quem está aí?

MADALENA - Pronto, o velho acordou.

MANUEL - Tome a carta.

MADALENA - Está bem. Eu entrego a carta. Depois a gente se acerta, seu Igreja.

CENA III

ABEL - Sr. Igreja, o senhor por aqui.

MANUEL - Vim acordá-lo, como prometi, para irmos à missa do galo. (Madalena vai até o berço e embala a criança) Mas vejo que não era preciso.

ABEL - Muito obrigado.

MANUEL - E a senhora Dona Rita não vai à missa?

ABEL - Claro que vai. Está se vestindo.

MANUEL - Quer que espere para irmos juntos?

ABEL - Oh, não se incomode. Iremos sós.

MANUEL - Não é incômodo.

ABEL - Não senhor, de forma alguma. Muito obrigado por ter vindo... (empurrando-o em direção à porta) agora pode ir para não se atrazar.

MANUEL - Então está bem. Até mais ver.

ABEL - Até mais ver. (Sai Manuel)



CENA IV

ABEL - Esse seu Manuel não me engana. Há dois meses que se meteu aqui e me enche de obséquios. Esta estória de amizade não me convence. Ou é pela menina, e essa não é para seus beijos, ou é pela Madalena. Mas para essa tem eu na fila. (com ternura) Madalena!

MADALENA (à parte) Maldito velho! (canta)

Menino bonito  
não dorme na cama,  
dorme no regaço  
da Senhora Santana.

ABEL - (Chegando-se para ela) -Embalas esse menino com cantigas ag sim como me embalas com esperanças. Não me amas?

MADALENA - Senhor?

ABEL - Ah, foges, finges que não me amas! Pois seria muito bom para ti se me desses um pouquinho de atenção.

MADALENA - E o que tu ganharia?

ABEL - Tudo! Minha filha te contratou para criares o seu filho. Mas ficas aqui até quando EU quiser.

MADALENA - Pois irei trabalhar em outra casa.

ABEL - Pensas que é tão fácil assim?

MADALENA - Aposto que sim!

ABEL - Só sairás perdendo.

MADALENA - Por que?

ABEL - Porque logo que terminares de criar o meu netinho, nos casamos.

MADALENA - Ah! Ah! Esta é boa! Só se for no cemitério! Ah! Ah!



ABEL (com ternura) - Madalena!

MADALENA (fugindo) Com calma, senhor. Com calma!

ABEL - Madaleninha!

MADALENA - Olhe que sua filha vem vindo.

ABEL - Que venha!



CENA V

RITA (entrando, vestida de preto) - Estou pronta.

MADALENA (Para Abel) % Não lhe disse?

ABEL - Oh, diabo! (Disfarça, fazendo festas na criança) Peiu. Negrinho. Olha o vovô. Bilu-bilu...

RITA (indo ao berço) % Lulu está acordado?

ABEL - Olha o nosso Lulu. Coisinha linda... Bilu-bilu...

RITA - Lulu... Está dormindo.

ABEL - Estás pronta, filha?

RITA - E meu pai brincando com o menino que está dormindo!

ABEL - Pensei que estava acordado.

RITA - Qual! Não vê como dorme? Parece um anjinho. Madalena, cuida bem dele.

MADALENA - Sim senhora!

RITA - Vamos, meu pai?

ABEL - Vou buscar o chapéu.

RITA (para Madalena) % Logo estaremos de volta. Se o menino acordar troca a coisinha e as fraldas, que estão muito molhadas...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MADALENA - Sãa senhora.

RITA - Não esqueça que...

MADALENA - Senhora, o Sr. Igreja entregou-me...

ABEL (entrando) - Vamos rápido, filha. E você, Madalena, tranque bem a porta.

RITA - Vamos. (Para Madalena, com ar de malícia) Acho que é desnecessário te pedir cuidado.

MADALENA - Pode ir sossegada, senhora...

RITA - Muito bem. (Sai com Abel)

#### CENA VI

MADALENA - Cbi! Não deu tempo pra entregar a carta. Azar. Eles vão se divertir e eu que fico aqui, tomando conta da criança. Que coisa mais chata ficar em casa tomando conta de uma criança quando todos vão se divertir. É o meu Pacífico que hoje resolveu esquecer de mim! Ah, se ele aparecesse, juro que deixava tomando conta da criança e ia à missa. (Assoviam) Ai, que é ele! Até que enfim. Que bom, o velho e a senhora não voltarão nestas duas horas... Tenho tempo!

#### CENA VII

PACÍFICO (na porta, vestido de farda) - Posso entrar?

MADALENA - Entra logo. Estou só!

PACÍFICO (entrando) - Um abraço.

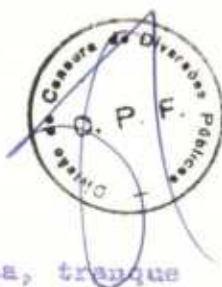
MADALENA - Não faça barulho que pode acordar a criança.

PACÍFICO - Abraços não fazem barulho. Vamos.

MADALENA - Calma, calma, temos contas a ajustar.

PACÍFICO - Depois, agora quero um abraço.

MADALENA - Pior pra você.





MADALENA - Sim, hei de deixar aquela legma só... Ah, se eu pudesse ir a sa do galo!

PACÍFICO - Pois vazes; ele não morrerá por um instante que fique só.

MADALENA - Não é possível. Ah, se tu quisessees ficar um instantesinho ~~meu~~ cuidando dele...

PACÍFICO - Eu?!

MADALENA - Sim, enquanto volto.

PACÍFICO - Eu, cuidando de uma criança?

MADALENA - E o que tem isso?

PACÍFICO - Feita uma seca, de espada à cinta!

MADALENA - Pacífica, mex anco!

PACÍFICO - Nada, é o que me faltava! Um soldado da cavalaria de linha, um fensar da pátria, feito uma de nenêna! Ah! Ah! Ah! E se ele chorar, que há de dar de manar?

MADALENA - Você!

PACÍFICO - Hem?

MADALENA - Escuta, n ão me interrompas. Dá estax água com açúcar que está neste copo. Assim... (Pega o copo na mesa) Espreme este paninho na boca; e tás vendo?

PACÍFICO - Mas ent ão, pensas que eu hei de ficar...!

MADALENA - Pense sim.

PACÍFICO - E quem te disse?

MADALENA - O amor que me tens.

PACÍFICO - Ah, queres me pegar pelo fraco.

MADALENA - Pacífico, meu rico Pacífico, tu não farás este sacrificiosinho por tua Madalena, que tanto te ama e que por ti tudo deixou? O que te cust isso? É um instante; só o tempo de eu chegar à Igreja, espiar e voltar, sim? Meu soldado de amor, queres me ver chorar, ingrato?

PACÍFICO - Prometes-m e que só espiarás?

MADALENA - Sim, só espio e volto.

PACÍFICO - Vê lá! Espiar e volt ar. Não te demores; quando não, abandono a sentinela.

MADALENA - Voltarei em um pulo.

PACÍFICO - Fazes de mim o que queres.

MADALENA - (pega o xale) Embala-o bem, se ele chorar, e cantax alguma coisa não custa nada. E adeus, que vou depressa para voltar cedo. Não te esqueça água com açúcar.

PACÍFICO - Espera, olha...! E... Foi-se! (Madalena sai)

CENA VIII

Pacífico só.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025





(11)

PACÍFICO -- O caso não é para brigas. Meu irmão que me mandou dizer que o velho ia à missa do galo, para brigar comigo.

MADALENA -- Não, era para te dizer que já não estou muito bem nesta casa. Quero sair dela.

PACÍFICO -- E para quê?

MADALENA -- O sr. Abel me persegue. Meteu na cabeça que eu...

PACÍFICO -- Ah! Ah! Ah! Não, velho babão...

MADALENA -- Velho babão... Fiu-te nele!

PACÍFICO -- Não, mas fio-me em ti.

MADALENA -- E é o que te vale. Mas chega de graças; eu quero é sair daqui.

PACÍFICO -- Deixe disso, Madalena; é preciso ganhar a vida; que diabo, vinte mil réis por mês não é fácil! Bem sabes e que nos tem custado viver. Há um an o viemos de São Gonçalo...

MADALENA -- Antes nunca tivesse saído de lá. Vivia tão bem com minha mãe! Tu é que me perdaste.

PACÍFICO -- Queixa-te de mim. Se não fosse o diabo do recrutamento, que me deu com esses na cidade, debaixo desta maldita farda, hoje podia estar casado contigo.

MADALENA -- E bem sabes que está era o teu dever...

PACÍFICO -- Mas assim não quis o serviço do Estado; quem recruta não quer ager se a honra está para cair, ou se deve casar-se. Vai agarrando a sorte e a direção. É uma tirania! Olha, eu cá sou de parecer que não se devia recrutar não só os homens casados, como os que podem ser casados.

MADALENA -- Assim não se recrutaria ninguém e não haveria soldados.

PACÍFICO -- O Estado precisa mais de filhos do que de soldados, e demais, a lavoura é que perde com isto.

MADALENA -- A lavoura. Tu trabalhavas muito pela lavoura...

PACÍFICO -- Se não trabalhava, deixava a outros trabalhar; e demais, era porque meu pai não me deixou nem um palmo de terra. Que culpa tenho eu?

MADALENA -- Tem muita. Vivias como um vadio; todo o santo dia com a espingardinha no ombro a caçar. Eras mesmo um canela verde, como nos chamam cá na cidade. Mais dia menos dia não podia escapar presa. Eu bem te avisei; não me quiseste ouvir...

PACÍFICO -- Mas como? Era um canela verde, vadio?

MADALENA -- Até que filaram-te. Viste para a cidade, juraste bandeira e eu fui gi de São Gonçalo para te acompanhar.

PACÍFICO -- Fizeste muito bem.

MADALENA -- Fiz como a minha cara! Para viver aturando uma mãe impertinente, um velho babão e aquela pestinha que ali está feitade. Boa vida! Os mais a divertiram-se, ~~em~~ e eu aqui, presa.

PACÍFICO -- Diverte-te também.





PACÍFICO - E então? Deixou-me feio e' mac. E' que tal? Vejamos. C. minha bria.  
 (ACHEGA-SE DO BERÇO) Dorme que é um anjo! Se dormisse assim sempre, não ha-  
 veria problemas. Ora, ele é ~~um~~ bonitinho! Sempre gostei mais de ver as cri-  
 anças que dormem; ficam tão sossegadinhas! Ai, quez ele se mexe. Mau, mau!  
 (Embala devagar o berço) Dorme, dorme! Xi, xi, xi! O demonhinho mexe; bole  
 com os braços. (Embala mais) Xi, xi, xi! Oh, diabo, abriu os olhos! Embalamos  
 mais forte, para ver se dorme. Xi, xi, xi! (Criança começa a chorar) Ah, cho-  
 ra! Estea arranjado; agora é que são elas! (Embala forte e criança chora)  
 Nada! Como guincha! Ah, Madalena! Diabo, dorme! Diabinho! E então? Cada vez  
 melhor. Não há remédio senão cantar; a ver se assim... Mas que diabo canta-  
 rei eu? Seja o que for. (Canta e embala)

Senhorinha, vá-se embora  
 Meu bem,  
 Vá prá casa direitinho,  
 Não faça como fôz ontem,  
 Que me deixou no caminho.

Parece-me qu e não gost a de música... Olhem que goelas. Cala a boca! Quali  
 (Nonê grita muito) Bico calado! Cada vez abre mais os folos! Ai, que não me  
 lembrava da água com açúcar. (Corre, pega o copo, mas tropeça e deixa caí-  
 lo) Dravo! Bonito! Foi-se a água com o açúcar, e o diabinho a gritar! Espe-  
 ra, que ainda posso aproveitar alguma coisa. (Molha o pano no chão) Ainda sog-  
 ve, (Leva ao berço) Toma! (Dá a criança) Ah, ainda é pouco... (Molha de novo)  
 Toma mais. Não se farta; chupa e cheva. Arre, que pestin há! Vejam lá que  
 cara! (Arreveda-o no chorar) Belo officio! Vejamos se as palhaçadas fazem mais  
 efeito; é serto remédio. (Date) Foi pior! Nem açúcar, nem palhaçadas... que o  
 leve o diabo! Que lhe darei? (Procura) Muito custa criar! Lu, só na última  
 necessidade... E não vejo nada! Naquele armário, talvez. (Vai e abre) Ah,  
 garrafas! (Tira e cheira) Vinho! Belo! (Bebe) Talvez também goste. (Vai ao  
 berço) Assim, abre bem a boca; t oma lá. Oh, diabo, como ficou vermelho! É  
 pequeno... Mas se morre? Molhor; ainda não ouvi defunto chorar. (Nonê chora)  
 Quali morrer! Dei-lhe mais força para chorar. Leve-me o diabo, se sei o que  
 hoí de fazer! (Tira a espora e dá p/a criança) Olha, bonito! Tetéia, tetéia!  
 O diabo espetou-se com a roseta! Já não posso, vou-me embora. Arrevento! Pá-  
 ra aí! Mas Madalena... Ai, que isto agora faz-me lembrar de um a coisa: o pe-  
 queno está estrenhando a farda, as calças e todo este aparato. Se eu achasse  
 um vestido... (Procura na cama) Bravo, achei! (Veste) Assim pode ser que não  
 estranhe. Tem-me feito suar! Que bonito a ama! Dem me podia alugar; havia de  
 ganhar mais do qu e me paga a nação. Agora o xale... Muit o bon! Venha o toy-  
 cado... (Pronto, agina a voz e fala com o nonê) Menhosinhã, não chore; é Ma-  
 dalena. Ande cá. (Pega-o) Não chore, durma, durma. Qu er passear? Vam os pas-  
 sear. (Passcia e canta sem j eito)



Maninhozinho,

Tu, tu, tu, tu, tu,  
Não chore, qu e eu chamo,  
que ch amo e tutu.

Maninho bonito,  
As pé do murunda,  
Se não dorme já,  
Eu chamo e tutu.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Não dizia que a farda e espantava? Estava acostumada a viver com saias! Parece-me que vai adormecendo. E eu pensava que não tinha jeito para isto! O caso é que tudo está na principiar, depois vai mesmo por si. Já fechou os olhos. Ainda bem, que já estava disposta a tapar-lhe a boca com a resca da garrafa. Ah, Madalena, não me metes noutra! Agora vou deitá-lo, mas cuidado... (Vai devagar e deita e nenê com cuidado) Ora, anda lá que não foi mal nada da... Possas tu dormir aí até o dia de Juiz! Oh, mas a Madalena não me mete noutra! ~~ignominiosamente~~ Que cansa... Enquanto ela não chega, deito-me um pouco. (Deita-se na cama) Ah, e descanse Deus meu... O diabo é se eu durmo e entra a velha. Vou daqui a taque de clarim. Mas ela entrará antes. Que demônio de travessiro tão duro! (Vira o travessiro e encontra a carta escondida.) Esp! Uma carta! De quem será? (Levantando-se) Querem ver quem a bicha me legra... Ah! (Achega-se da lamparina e começa a ler, saletrendo) "Minha querida." (Falando) Ah, sua querida! Bea vai ela... (Lendo) "Hoje preciso muito falar contigo. Quando voltares da missa de gale, em vez de te fores deitar, deixa a velha dormir, e espera-me. Isto te pede teu querido Manuel Igreja." (Falando) Ah, tu amas ao Manuel Igreja? Igreja - nha se hei de amar eu! Ah, traidora! Ora, fiem-se em mulheres! Esta, nam por ser da reça, quanto mais se fosse da cidade... Tomara eu que o tal Manuel Igreja por cá apareça, que lhe quero rezar a ladainha e repicar-lhe o sino no espinhaço. Ah, maroto! Parece-me que cuço passos. Talvez seja ela... Ou ela, ou ela, quero ensiná-los! (Põe a lamparina debaixo da mesa)

MANUEL - (dentro) Madalena?

PACÍFICO - (à parte) É ele! Entra, entra que não sabes e quem te espera... (senta-se junto de berço)

### CENA IX

Manuel Igreja e Pacífico.

MANUEL - (aparecendo na porta de fundo) Madalena, eles já saíram? Passe eu - trax?

PACÍFICO - (disfarçando a voz) Pode.

MANUEL - (entra) Muito obrigado. Verás que não sou ingrato; meu amor servirá de fiança de que prometo. O velha não pode tardar, não é? Assim que ele girar, me esconde debaixo da tua cama, e depois...

PACÍFICO - (levantando-se repentinamente) Ah!

MANUEL - (recuando) Que tens, Madalena? (Pacífico arregaça o vestido) Levanta o vestido... (Pacífico puxa a espada) Uma espada! (Pacífico caminha para Manuel e estaca recua) Madalena... (Pacífico segura-lhe o braço) Não é Madalena?

PACÍFICO - Não, é o diabo que te parta!



MANUEL - (aterrorizado) Ah!

PACÍFICO - Tratante, sacristão de uma igreja, é sacristão, e patife... Ah, meu menino, pensavas que...

MANUEL - Mas, senhor, eu... Mas quem é o senhor?

PACÍFICO - Cinquentá pranchadas, para principiar. (Dá-lhe)

MANUEL - Ai, ai! (gritando)

PACÍFICO - Psim, grita baixo, não me acorde a criança! Grita devagar... (Dá)

MANUEL - (gritando) Ai, ai!

PACÍFICO - O pior é mexer. Não me acorde a criança!

MANUEL - Senhor, se é por ordem de sr. Abel...

PACÍFICO - Qual Abel, com Cainá! Isto aí é por minha conta e da Madalena.

MANUEL - Madalena?

PACÍFICO - Da Madalena, sim! Um sacristão, bancando o sedutor!

MANUEL - Mas, senhor, aqui há enganação!

PACÍFICO - Enganação é a que queres, seu comeder de hostias!

MANUEL - Eu não quero seduzir a senhora Madalena.

PACÍFICO - Não? É estas cartas?

MANUEL - (examina a carta) Esta carta não era para ela.

PACÍFICO - Para quem era?

MANUEL - E para...

PACÍFICO - Fale-me depressa, seu papa-bico.

MANUEL - Para... (à parte) Mas quem será este sujeito? Talvez amante de Madalena...

PACÍFICO - Ah, estudas e que há de dizer? Pois vai-te lembrando... (Dá-lhe)

MANUEL - (falando depressa) Era para D. Rita, a filha do velho.

PACÍFICO - (largando-o) Ah, era para D. Rita!

MANUEL - Tinha pedido a senhora Madalena que lhe entregasse.

PACÍFICO - Ah, a Madalena tem mais essa função? E a senhora dona Rita, lhe entrega onde?

MANUEL - Sim senhor.

PACÍFICO - Ora, bem se diz que as mulheres escolhem o pior.

MANUEL - Nem todas. A sra. Madalena, por exemplo, pelo que me parece, tem gostos.

PACÍFICO - Acha?

MANUEL - Oh, pois não?

PACÍFICO - Dá cá um abraço. (Abraça-o) Muito bem; vieste pela Rita e eu pela Madalena. Muito bem; tens-nos entendidos; isto é, se o que disseste é verdade. Caso contrário, serão 100 pranchadas...

#### CENA X

ABEL - (dentro) Ó Madalena, aludia estas escada.

PACÍFICO - Ai vem o velho! Com os diabos!

MANUEL - Se aqui nos encontra, estamos perdidos!

PACÍFICO - Vemos nos esconder...

MANUEL - Eu vou para debaixo da cama.

PACÍFICO - E eu para cima. (Escondem-se)

ABEL - (dentro) Madalena? (Aparece na porta com Rita) Querem ver que saiu?

RITA - (entrando) Está dormindo.



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025



ABEL - E deixou a porta aberta, é bem doida!

RITA - Madalena?

ABEL - Não a acordes, quem passa muitas noites em claro com teu filho.

RITA - Para isso ganha meu dinheiro. Deixe mandar ver se o menino está melho-  
do. (Achega-se da cama) Madalena? (Sacudindo-a) Madalena? Que sena!

MANUEL - (yaxa-lhe e vestido, por baixo da cama) Ritinha?

RITA - (espantando-se) Ah!

MANUEL - Sou eu... (esconde-se)

ABEL - O que é?

RITA - Nada, não senhor. Que imprudente!

ABEL - Por que gritaste?

RITA - Foi uma pontada que me deu aqui de lado.

ABEL - É da umidade que apanhaste. As ruas estão um chiqueiro, cheias de la-  
ma. Não só não nos deixaram ir à missa, como te fizeram doente. Vai despi-  
te e deit ar, e afumenta-te...

RITA - Julgo que será melhor... Como o pequeno está quieto e, deixamos Madal-  
ena a dormir. Boa noite, meu pai. (Toma-lhe a benção)

ABEL - Até amanhã.

RITA - E meu pai, não se vai deit ar?...

ABEL - Vou sim.

RITA - Boa noite.

ABEL - Boa noite, filha. (Vai fechar a porta de fundo)

RITA - (à parte) Eu voltarei... (Entra no quarto à direita)

CENA XI

Abel, Manuel e Pacifico escondidos.

ABEL - (espiondo) Estou só com ela. A Rita vai-se deitar, porém o mais pru-  
dente é voltar quando ela estiver dormindo. Não quisera que minha filha, por  
coisa nenhuma deste mundo, suspeitasse de meu amor por esta feiticeira a-  
ma. (Aproxima-se da cama) Como dormes? Que tranquilidade! Como respira doce-  
mente! Parece que o seu hálito embalsama este aposento! Ah, que se não fos-  
se minha filha, casava-se e contigo... (Chama-a devagar) Madalena? Madaleni-  
nha? (Sacudindo) Meu anjinho... (Pacifico se espreguiça e dá na cara de Abel)  
Ai, morzinho, que me bateste! Mas pancadas de amor não matam não...

RITA - (dentro) Jéana, é Jéana?

ABEL - A Rita está chamando pela macama, para se despir. O mais prudente é  
eu voltar logo, porém, primeiro há de dar um beijinho nesta frente tão ca-  
dida e tão pura. (Beija Pacifico na testa) Como é doce! Até já... (Sai con-  
tente)

CENA XII

Pacifico e Manuel.

PACIFICO - O diabo do velho babou-me a test a!

MANUEL - (espiondo de debaixo da cama) E qu a lha parece o velho?

PACIFICO - Se eu fosse Madalena, estava arrumado.

MANUEL - Ah! Ah! Ah!

PACIFICO - Você ri-se? O caso estava ficando sério. E ainda não sei o que s-  
rá. Ele prometeu voltar. Que diabo do velhinho! Mas vê lá, se a tua vier, n-  
você palamenta sobre mim quando não, mata-lo.





MANUEL - Já se que aí vem gente! (Esconde-se)

PACÍFICO - (deitando e se cobrindo) Se é o velho outra vez e mais comigo, eu fio-lhe a espada pela barriga antes que ele se adiante muito.

CENA XIII

Entra Rita com cautela.

RITA - (entrando) É preciso falar-lhes! Assim se arrisca por mim! (Aproxima-se da cama) Medalena dorme. (Chama) Sr. Manuel?

MANUEL - (aparecendo) Ritinha!

RITA - Saia por a fora, mas devagar; veja, não acorde Medalena.

MANUEL - (saindo da esconderijo) Ela não acordar é.

RITA - Que imprudência assim esconder-se! Se n. em pai o tivesse visto... Vá-se sabera.

MANUEL - O que import a é estarmos juntos.

PACÍFICO - (à parte) O que quererá e sacríst a fazer?

RITA - E que pretende fazer você?

MANUEL - Pouca coisa: saber se te casar eu não comigo.

RITA - Já te disse muitas vezes a que punha obstáculos à nossa união. Cacei-me contra a vontade de meu pai e fui desgraçada. Dois anos estive casada, dois an os vivi mart irizada, porque meu marido era um demônio de ganio. Deus e levou para meu sossego.

MANUEL - E foi muita bom levado.

RITA - Enquanto estive casada, meu pai abandonou-me, para castigar-me assim de minha desobediência; mas viúva, chamou-me ele para junto de si com meu filho. Esqueceu-se de minha ingratidão e acolheu-me com braços paternais, e eu, para reconhecê-lo ante amar, jurei não me casar de novo sem o seu consentimento.

MANUEL - Isso não são coisas qu e se fazem, porque nesses negócios, quem já se acaba...

RITA - Nem todas. Eu cumprirei meu juramento. Não dá me casar, mas com a sua aprovação.

MANUEL - Assim, já vejo que não arranja nada. Teu pai não consentirá nunca que te cases comigo; não por mim, mas enfim, pela meu officio - um sacríst - tãe...

RITA - Pois deira de ser sacrístãe!

MANUEL - E a que hei de ser?

RITA - Empregado público.

MANUEL - Tens razão, e não veja perqu e não hei de alcançar um bom emprego. É melhor trabalhar das 10 horas até às 2 e folgar toda a t arde, de que suar todo o dia no officio. Além disso, os officios cá na nossa terra já nada dão; a concorrência de estrangeiros é grande. Só os empregos públicos é que são para os filhos de país, e isso mesmo... Enfim, está' dit o, vou pedir um emprego, e com empenho se faz tuãe entre nós.

RITA - E então não duvide que meu pai dê seu consentimento. No entanto, se é daqui até lá alguma circunstância nos favorecer...

MANUEL - Não aproveitamos e... (A criança chora)

RITA - Já está chorando. Espere, enquanto eu chamo Medalena para lhe dar o leite.





MANUEL - Vai chamá-la?

RTA - Sim. Não ouve o menino que chora. Meu pai pode acordar. (Aproxima-se da cama) Madalena, Madalena? Vem dar de mamar ao menino. Como dorme?

MANUEL - Ai vem o velho!

RTA - Meu pai?

MANUEL - Sim.

RTA - Apague a lamparina! (Escurece)

PACÍFICO - (à parte) Já escapei de duas...

RTA - (para Manuel, baixinho) Saia se puder... E silêncio! (Manuel corre para a porta do fundo; está fechada. O garoto chora)



CENA XIV

Abel e os outros.

ABEL - (na porta da esquerda) Madalena? Apagou-se a lamparina e o menino chorou. A Rita pode acordar. (Vai pegar a criança)

RTA - (à parte) É meu pai! ( Sai pela seu quarto e fecha a porta)

MANUEL - (ao mesmo tempo) É o velho?

ABEL - (com o menino) Não choras. Madalena, acorda, dá de mamar ao pequeno. Levanta-te, amorzinho, vem dar de mamar.

PACÍFICO - Esta agora é melhor...

~~ESCREVA~~ Levanta-te, toma o pequeno. > ABEL

PACÍFICO - ( senta e se espreguiça) Hum!

ABEL - Pega, acalenta-o, enquanto eu vou buscar luz.

PACÍFICO - (à parte) Luz agora seria bonito! (disfarçando) Melhor seria dar de mamar no escuro... (levanta e pega a criança)

ABEL - (segurando-o no escuro) Espera, elha que te podes esbarrar com o pequeno.

PACÍFICO - (à parte) Não é graça; estou com medo de volta no escuro.

ABEL - (precurando) Madalena, minha netinha, escuta...

MANUEL - (à parte) Ah, é essa a casa!

RTA - (à parte) Meu pai namora a mãe do meu filho, ah!

PACÍFICO - (à parte) Eu largo o pequeno no chão, e safo-me! (Abaixa-se e esbarra nele)

ABEL - Ah, por que fages de mim, feiticeira? Em casa todos dormem; nós estamos no escuro e ninguém nos vê.

PACÍFICO - (à parte) Sim, mas alguém nos ierre.

ABEL - Olha, eu posso fazer muito por ti... posso fazer-te feliz, muito feliz. Mas dá-me um beirão!

PACÍFICO - (empurra-o) Devagam! (Vai para o lado onde está Manuel)

ABEL - Ingrata!

RTA - (à parte) Quem diria!

ABEL - (precurando) Hei de encontrar-te!

PACÍFICO - (encontrando com Manuel) Quem és?

MANUEL - Sou eu.

PACÍFICO - É o sacrista? Toma o pequeno.

MANUEL - Mas...

PACÍFICO - Quêto.

~~ABEL~~ - Madalena, minha netinha? (Pacífico corre para a frente)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MANUEL - (à parte) No que dará isto?

ABEL - (encontra com Manuel) Ah, peguei-te! Cruel, por que m. e. fuges?

MANUEL - (à parte, tentando escapar) E então? Agora é comigo?

ABEL - Não vês que estou apaixonado por ti?

MANUEL - (à parte) Deu-lhe com o neto pelas ventanãs!

ABEL - É um beijo, já que não queres ouvir, e vou-me embora. (Manuel levanta a criança e Abel a beija, pensando ser Madalena) Como é gostosa! Outro, três! (Vai beijar e fica com o pequeno nas mãos.)

Manuel - (à parte) Beija a tua ventada.

ABEL - O que é isto? Ah, marota, assim me enganaste! E dei um beijo...mas na criança! Deixaste-me com o pequeno; mas espera, que mesmo no escuro te achei. Ai, ai, quem esta patinha melheu-me t'oda! Faltava-me esta! (Os outros riam) Ah, você ri-se? Veremos quem se há de rir por fim. Mas é bem feito o que tal me aconteça, porque bem diz o ditado: "quem dorme com criança, ama nhoco..." Não precise dizer como, porque já este. Madalena, toma tua criança, senão largue-a na chã, então que faça pior.

RITA - (à parte) Meu filho na chã?! (Vai pegar o garoto)

ABEL - Então? (Encontra com Rita) Ah, brejeirinha! (Rita pega o nenê e tenta escapar) Ah, assim mesmo comigo? Vou buscar uma vela. (Batem) Batem?! Não há dúvida.

RITA - (à parte) Quem será?

MANUEL - (à parte) Mãe...

PACÍFICO - (à parte) É a Madalena! (Batem)

ABEL - Quem é?

MADALENA - (dentro, disfarçando a voz) Sou eu.

ABEL - Respondas! Quem será? Vou buscar a luz. (Sai pelo quarto)

#### CENA XV

Rita, Manuel e Pacífico no escuro.

PACÍFICO - Onde diabo me hei de esconder?

MANUEL - Que farei?

RITA - Madalena, Madalena?

PACÍFICO - (à parte) Temos a outra como Madalena...

MANUEL - É Ritinha? Ritinha?

RITA - (encontrando com Manuel) Silêncio, que meu pai aí vem. Toma o pequeno entregues-o a Madalena. Que a deite na berço, e você, esconda-se neste quarto à direita e adeus. (Entrega-lhe o filho e sai.)

MANUEL - Ó Ritinha, espera! Fei-me e deixou-me com a lesma nos braços! Madalena? Qual Madalena! Camarada? Ó camarada?

PACÍFICO - Eu?

MANUEL - Onde estás? (Encontra-o) Ah, toma!

PACÍFICO - O que? (Dá-lhe o garoto e se afasta)

MANUEL - Fique com o saco d'água...

PACÍFICO - Ah, tratante, pensas que sou ama de leite?

MANUEL - Arranja-te como puderes, que aí vem o velho! (entra no quarto à direita)

PACÍFICO - Eu, não? (Levanta o garoto na chã)

Levanta o garoto... (entra no quarto à direita)



CENA XVI

Entra Abel com uma vela.

ABEL - (vê Pacifico correndo) Madalena? Meu netinho no chão? A desavergonhada... (pega o garoto) Só para fugir-me... Deixa estar, Madalena, que me há de pagar! Amanhã, bate-te pela porta afóra. (Batem) Já vou! Verás se assim se despreza o meu amor... E se assim se trata de meu neto. (aproxima-se da porta de fundo) Quem bate?

MADALENA - (dentro) Sou eu.

ABEL - Eu quem?

MADALENA - Ah, não!

MANUEL - E esta? A vez parece-me de mulher... Serão ladrões? Qual, não se treveriam a andar pela rua às horas da missa do gale. Vejamos quem é. (Abre)

CENA XVII

Madalena e Abel.

MADALENA - (entra e se surpreende ao ver Abel) Ah! (Abel também se assusta, deixa cair o pequeno e fica indeciso entre as duas portas; Madalena pega o garoto que chora.) Meu filhinhe... Esteu perdida! Senhor Abel, perdoa-me e deixai o menino por alguns instantes. Não pude resistir; quis também ver a missa do gale. Jurei que será a última vez este ano... Mas per que este espanto? Que fei? Aponta o quarto... Senhor!

ABEL - (gaguejando) Madalena, tu não entraste por ali? (aponta o quarto)

MADALENA - Não senhor; entrei por ali. (Aponta o fundo)

ABEL - Então foi minha filha. Que vergonha, que vergonha para um pai! Que xomo! Que dirá de mim a Ritinha; quero lhe pedir perdão. Dá cá este menino que sorá o meu penher. (Agarra o pequeno)

MADALENA - Não mate o menino!

ABEL - (Ajoelha-se à porta do quarto) Filha, às vezes um pai deve se humilhar diante de seus filhos, quando pratica uma ação que o rebaixa aos olhos de aquelas a quem deve bons exemplos... Eis-me, humilhado diante de ti. A natureza é fraca... Temei-te por Madalena, e disse-te coisas que agora me fazem chorar de vergonha. Abre esta porta e vem abraçar-me, em sinal de esquecimento. Aqui está teu filho, meu netinho, que me deveria fazer lembrar que estou velho, para não praticar ações indecorosas. Perdoa-me, por amor dela! Abre, abre esta porta! (Enquanto isto, Rita sai do quarto, fala em segredo com Madalena e vai até o pai; Chama-o por trás)

RITA - Meu pai! (Abel volta-se, se assusta e levanta, deixando cair o menino) Meu filhinhe! (Rita o pega)

ABEL - Rita? Rita por trás de mim, quando eu esperava por diante?

RITA - (Não dá atenção) Meu amor, meu anjinho! Coitadinha!

ABEL - (Pega-a com violência) Rita!

RITA - Não machuque meu filho.

ABEL - Tu não saíste por aqui? (Aponta o quarto)

RITA - Não senhor, sai por ali.

ABEL - Ah, todo se saíram por todas as partes, menos por aqui; e no entanto eu vi... Já sei, é um ladrão que se introduziu em minha casa, vestido de menino!

RITA E MADALENA - Um ladrão?





hei de vingar-me! (Vai na ponta dos pés e fecha a porta a chave)  
RITA - (à parte) Pobre Mamuel!  
MADALENA - (ao mesmo tempo) O que será do meu Pacifico?  
AIEL - Está pressa! Ah, agora verás! Rita, Madalena, esperem aqui! Não instanti-  
nh e, que eu já volte, e tenham olho na porta! Ela é capaz de arrastá-la; nem  
e quarto tem saída. Vou chamar a primeira ronda que encontrar. Oh, não me há  
de escapar!

RITA - Meu pai, eu çe...  
MADALENA - Deixá-lo ir.  
AIEL - Eu volte ~~num~~ instante. Olhe na porta! (Sai correndo)

CENA XVIII

Rita e Madalena.  
MADALENA - Dona Rita, perdoe-me!  
RITA - Fieste mal em deixá-ls entrar, mas agora é preciso salvá-ls.  
MADALENA - Oh, muito obrigada, minha boa senhora. Abramos a porta. Pobre Paçó  
fico!  
RITA - (à parte) Pobre Mamuel! (Abrem e as dois saem; Pacifico t ireu vestidô  
RITA E MADALENA - (espantadas) Ah, são dois?  
PACÍFICO - Madalena!  
MANUEL - (ao mesmo tempo) Ritinha!  
RITA - O que é ist e, Madalena?  
MADALENA - Senhora, um é meu...  
PACÍFICO - Sou eu. (Acheça-se de Madalena)  
MANUEL - (aproximand-se de Rita) E o outro é teu.  
RITA - Mês...  
MANUEL - Não temos tempo para explicações.  
PACÍFICO - Demos graças a Deus, se o tivermos para nos por a salva...  
MADALENA - Eles tem razão, senhora. Seu pai não tarda com os soldados, e se  
es pega, estamos todos perdidos.  
PACÍFICO - A Madalena tem razão. Toca a debandada! (Pega a barretina e a es-  
pada de debaixo da cama e vai para o fundo)  
MANUEL - (para Rita) Ritinha, pede a Deus que de hoje para amanhã morram 4  
funcionárias públicas, que eu me encaixarei num dos lugares... É adeus! (Cor-  
re para a porta do fundo, mas está fechada)  
PACÍFICO E MANUEL - Está fechada?  
RITA - Fechada? Como há de ser?  
MANUEL - Ist e pergunta ce.  
PACÍFICO - E eu também. O que havamos de fazer?  
RITA - Não sei, não sei! Meu deus, e meu pai não tardá!  
PACÍFICO - (Puxando a espada) Não há remédio, senão utilizar o velho.  
MADALENA - Pacifico!  
MANUEL - E eu, e qu e posse fazer é encasendá-lo e enterrá-lo...  
RITA - Senhora!  
MADALENA - Escutem. Não se aflija, minha senhora. Entrem as senhores ambas  
por esta pert e. (aponta e quarto de Rita) Passem e primeiro e o segundo  
quarto, tomem por um corredor que está à direita; no fim, há uma janela que  
há



dá para a rua; abram-na e saltem por ela.

PACIFICO - És uma pérola!

MANUEL - (para Rita) Adeus, até sempre!

PACIFICO - Anda, sacrista! (Saem ambos ~~para~~ correndo pela direita.)



CENA XIX

Rita e Madalena.

RITA - Madalena, e nós? Meu pai não tarda, e não achando ninguém no quarto...

MADALENA - Tenho cá meu plano. Minha ama quer se casar com o senhor Manoel Igreja?

RITA - Bem sabes quanto eu o amo.

MADALENA - Então está tudo arranjado.

RITA - Mas como?

MADALENA - Seu pai mostrou-se há pouco muito o envergonhado, e de joelhos, diante daquela porta, lhe pedia perdão; só porque supunha que a encontraria lá dentro....

RITA - Tomou os dois por ti... E tudo eu ouvi.

MADALENA - Tanto melhor. Agora é preciso envergonhá-lo mais.

RITA - E para que?

MADALENA - Um pai, quando pratica uma ação vergonhosa diante de seus filhos, põe-se debaixo da máscara sua dependência e não tem remédio, senão fazer-lhes a vontade. O ponto é saber-se tirar partido do segredo.

RITA - E o que faremos?

MADALENA - Entrarmos neste quarto e esperarmos que ele venha a com os soldados e que nos encontre lá.

RITA - Mas...

MADALENA - Dé cá o menino, que ele não tarda. (Deita a criança no berço)

RITA - Não sei se devemos fazer...

MADALENA - Pois eu sei que devemos; quando não, passaremos por cúmplices de ladrões, porque lhes demos escapula, e ficaremos desacreditadas. Silêncio, ouço passos! É ele. Venha, venha. (As duas entram no quarto onde est avam os amantes)

CENA XX

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Manuel.

ABEL - Tenham a bondade de entrar. Foi muito bom encontrá-los junto a minha casa!

MANUEL - Vinhamos da missa do galo...

PACÍFICO - (à parte, para Manuel) Por pouco que não nos pega saltando a janela.

ABEL - Entrem logo, por favor; estou com ladrões em casa...

PACÍFICO e MANUEL - Ladrões em casa!!!

ABEL - Sim, ladrões em casa! Sai na rua à procura de uma patrulha, mas ~~qual! Estão a dormir, os rádios...~~

MANUEL - Conte conosco. Pego estes ladrões a cabeçadas!

PACÍFICO - E a minha espada está pronta...

ABEL - Calma, senhores... Os ladrões estão presos ali no quarto... Mas não sabemos quantos são! Não vamos nos expor assim...

PACÍFICO - Estou acostumado a desafiar cinco ou seis, senhor Abel!

ABEL - Prudência, amigo! Vamos nos preparar; aproveitemos a tática militar, para isso.

MANUEL - Então vamos!

ABEL - (pegando as armas) Sr. Manuel, fique com esta pistola, enquanto eu fico com a espingarda. Nos colocaremos aqui. O senhor Pacífico abra a porta com esta chave e prepara a sua espada!

PACÍFICO - De cá a chave. (Posicionam-se ao lado da porta)

ABEL - ~~Quando mais se precisa das autoridades, elas dormem. Mas vamos lá!~~

MANUEL - Abra a porta, seu Pacífico; eu está com medo! (rindo-se)

PACÍFICO - Com estes ladrões, posso lutar sozinho contra vinte! (abre a porta)

ABEL - Quem quer que esteja aí, saia! E nada de truques...

MANUEL - Saiam logo!

ABEL - Rápido! Senão, faremos fogo!!!

LIBRERIA

LIBRERIA



Rita e Madalena aparecem à porta.

RITA - O que é isto?

MADALENA -- (ao mesmo tempo) Então, o que temos?

ABEL - Ah! (surpreendido, deixa cair a arma)

PACÍFICO - São estes os ladrões? Ah! Ah! Ah!

MANUEL - Ah! Ah! Ah!

RITA - Meu pai, meu pai, o que tens? (Abel estático)

MADALENA - Oh, como ficou!

RITA - Meu pai, volte a si! Sou eu! Meu Deus! Madalena, aí está o que fizeste!

MADALENA -- Ah, senhor! (Querendo abaixar-lhe o braço) Como está duro!

RITA -- Meu Deus, meu Deus! Senhor meu pai!

MANUEL -- (sacudindo-o) Ah, senhor Abel!

PACÍFICO -- (no mesmo) Então, o que é isto? Está duro? †

MANUEL -- Parece morto!

RITA -- Meu pai?

PACÍFICO -- Que diabo deu nele?

MADALENA -- Meu vai isto!

RITA -- Meu pai, sou a culpada! Não era ladrão, era o sr. Manuel que lá estava e que veio por mim. Diga-lhe, diga-lhe isto, senhor Manuel!

MANUEL -- Seim senhor, sr. Abel, era eu. Vão para ver sua filha e o senhor tomou-me pela Madalena. (Abel vai se acordando) Já se mexe...

RITA -- Meu bom pai, perdoai-me, fui eu a culpada!

MADALENA -- E eu também fui culpada, por...

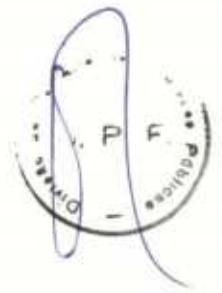
MANUEL -- E mais eu.

PACÍFICO -- Se esta culpação for remédio, também eu, por causa dela. E fui o primeiro. Tratei da criança, levei abraços... Não se lembra que me foi acordar naquela casa? Madaleninha!

ABEL -- (consciente) Oh, estou traído!

RITA -- (suplicante) Meu pai!

ABEL -- (recua enfurecido) Deixai-me!



RITA ~~me Perdoem-me~~ e MADALENA - Perdoi-me!

PACÍFICO e MANUEL - Senhor!

ABEL - Deixai-me, deixai-me! (vai recuando)

RITA, MADALENA, MANUEL e PACÍFICO - Senhor! (seguem-no suplicantes)

ABEL - Deixai-me! (dá de costa, vira e berço e cai por cima de nene)

TODOS - Ah! (todas acodem)

RITA e MADALENA - Meu filho! (pegam a criança e Rita se senta na mesa)

RITA - Meu filho, meu filho! Está sem sentido, morto!

MADALENA - Meu Deus!

RITA - Água fria, água fria, Madalena! (Madalena despeja o moringue na cabeça do nene e as duas levantam o velho)

MANUEL - Então, sr. Abel, parece criança. Que é isto? Por tão pouco!

PACÍFICO - O caso não é de matar crianças. Tama a coisa tão em grosso!

RITA - Está morto!

TODOS - Morte? (agrupam-se ao seu redor)

ABEL - Meu neto morto! E fui eu, desgraçado!

MADALENA - Está vivo, está vivo!

TODOS - Vivo! (Abel arrebatou a criança e cobre-a de beijos) Não o mate!

ABEL - Peixe inocente, que tanto tens sofrido esta noite, pelos nossos desvarios! Que culpa tens, pobre anjinho, que sejamos loucos? Filha, o teu proceder foi criminoso, e só casando-te com este homem darás uma satisfação ao público.

MANUEL - Ritinha! (vai para junto dela)

ABEL - (para Madalena) E tu, mulher vil, já desta porta para fora!

RITA - E quem há de criar meu filho?

ABEL - Eu! (Madalena e Pacífico riem; Abel, para Pacífico) Insalente!

RITA - Meu pai!

PACÍFICO - Há mais tempo que, com esta cara e com estes anos, devias te empregar em desmamar crianças, e não em namorar.

ABEL - Tem o senhor muita razão.

PACÍFICO - (para Madalena) Vamos, que torás muito onto te alugares. (Saem)

ABEL - (Passando, cantando e embalando a criança) Menino bonito... (Os outros todos riem)



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025